

Era numa esplanada de Lisboa que tudo se passava. A esplanada estava situada num lugar alto, no topo de um parque que foi outrora baptizado em honra de um rei inglês que foi também tio de um kaiser e de um czar. Ao fim da tarde, a esplanada era batida por um vento que soprava em rajadas caprichosas e ferozes.

— É assim, ela ontem não me disse nada durante o dia inteiro. Enviei-lhe três mensagens mas não recebi nenhuma. Achas normal?

— Tens de ser paciente. Dá-lhe algum espaço.

— Será que lhe devia ligar?

— Nem penses nisso. Era o pior que podias fazer.

— Ela está a fazer um bicho-de-sete-cabeças de uma coisa que não teve importância nenhuma.

— Não penses mais nisso. Há copos para lavar.

— Não vale a pena começar a lavar copos. Os dois do costume devem chegar a qualquer momento.

— Quais dois do costume?

— São dois clientes que chegam sempre à mesma hora. Como é que nunca reparaste neles? São pontuais como o telejornal, vêm todos os dias e pedem sempre a mesma coisa. Duas águas tónicas, uma com gelo e a outra sem gelo; dois cafés, um curto e um cheio. Depois ficam horas a fio, a falar sabe-se lá do quê.

— Para mim os clientes parecem-se todos uns com os outros. Nem olho para as caras deles. É perguntar o que querem, servi-los e toca a andar.

— Estão a chegar. Fazem-me sempre lembrar dois exploradores de paragens remotas que começam a pensar com os seus botões se valeu mesmo a pena sair de casa.

* * *

— Aquilo que o conto nos pede é muito pouco, quase nada mesmo.

— Aquilo que o conto nos pede é que acreditemos neste cenário grotesco: os cavaleiros da Távola Redonda presentes, em carne e osso, na Lisboa do século XXI. Achas pouco?

— Acho que exige esforço e boa vontade, mas no fim de contas é uma suspensão de incredulidade fugaz e pontual, tão ou menos extravagante do que outras que nos são solicitadas neste mundo bufão e friável que é o nosso.

— Fugaz? Pontual?

— Basta acreditares nisto por um momento e tudo o resto escorregará com a presteza de um néctar suavíssimo. Fecha os olhos e sustém a respiração.

— Esta água tónica não tem gelo suficiente. Empregado!

— Além disso, não estamos a falar de todos os cavaleiros da Távola Redonda.

— É só uma comitiva?

— Nada menos do que a fina flor, e, a existirem excepções, serão bem poucas. O rol é este: os irmãos Agravain, Gauvain e Guerrehet, os primos Bohort e Lancelot, o valente Calogrenant, Blioberis, Caradoc, dito “Briebras” (o conto explicará porquê), o puríssimo Perceval, o traidor Mordret, e ainda a fada Morgain e a rainha Guenièvre.

— Uma dúzia. O número do azar, menos uma unidade. Há mais alguma coisa que eu precise de saber sobre eles?

— Chegaram bem e ficaram hospedados em pensões de reputação modesta mas sólida, perto do centro histórico da cida-

de; trata-se dos próprios, e não de sócias seus, descendentes espirituais, comediantes enfarpelados ou vulgares impostores; e estão empenhados em dar continuidade à gloriosa busca do Graal e a todas as aventuras paralelas que, como se sabe, são numerosas e ramificam-se incessantemente.

— Como fazem eles para se orientar e sobreviver numa terra de que desconhecem tudo, da língua oficial aos costumes?

— Por enquanto, estão totalmente isolados do mundo. Re-feições quentes são encomendadas pelos donos das pensões e levadas aos quartos. E, mesmo que sucedesse saírem para a cidade, eu não temeria pela sua sorte. Estamos a falar dos melhores cavaleiros do mundo, gente de uma bravura e de uma capacidade de resistência que já entre os seus contemporâneos era lendária. E olha que a floresta de Brocéliande não será necessariamente menos inóspita do que certas zonas de Lisboa a certas horas da noite.

— Há uma coisa que me escapa.

— Conta, desabafa.

— Se é bem sabido que apenas Bohort, Perceval e Galahad se mostraram dignos de alcançar os mistérios do Graal, o que fazem aqui os demais? E Galahad, não irá ele fazer falta?

— Isso é muito bem observado. Ora bem, em primeiro lugar essa é apenas uma das versões da história. Em segundo lugar, a importância de personagens aparentemente secundárias acaba por se revelar crucial. Muitos deles terão de falhar para que outros tenham sucesso. A rainha Guenièvre está cá para suscitar o comportamento ignominioso de Lancelot, e Lancelot para que o seu malogro desonroso abra o caminho aos outros. E Mordret, o infame, exige cuidado, muito cuidado.

— E Galahad?

— Ah, pois, Galahad, esse diamante puríssimo e sem falhas. Galahad foi uma inserção relativamente tardia no corpo de textos da Távola Redonda. Acredita-se que serviu essencialmente para reconciliar a tradição pagã com a nova ordem mo-

ral imposta pelo cristianismo. Tudo irá correr sobre rodas mesmo sem Galahad por perto.

— Admita-se que eu acredito em tudo o que o conto diz. Não estou a dizer que acredito nem que deixo de acreditar, mas vamos admitir que acredito. O que se segue?

— O que se segue?

— Sim, ou vais dizer-me que Lancelot, Perceval e os seus comparsas fechados em quartos de pensão, a ver televisão ou a contar os carros que passam na rua, é o fim da história?

— Claro que não é o fim da história. Seria de uma ingenuidade atroz imaginar que estes indivíduos poderiam passar mais do que um período relativamente curto na mais completa inactividade. Não podemos esperar de alguém como Lancelot que se entregue, com mais do que um entusiasmo passageiro, às delícias do cruzadismo, da leitura ou do programa do Goucha. Mais tarde ou mais cedo, seria inevitável que todo aquele ímpeto guerreiro contido transbordasse sob a forma de galante tropismo centrífugo, e era óbvio que, quando isso acontecesse, nada, mas absolutamente nada, nem trancas, nem ferrolhos, nem ameaças, nem súplicas, nem argumentos, nem subornos os impediriam de abandonar os seus quartos de pensão, sair para as ruas e interagir com a população alfacinha.

— A tua escolha de tempos verbais ilude-me. Estás a dizer que isso já aconteceu?

— O conto fala de algumas surtidas muito breves. Nada mais do que isso, por enquanto, mas é só uma questão de tempo.

— Pergunto-me qual será no fim de contas o aspecto do Graal.

— Muita gente pensa no Graal como um recipiente côncavo. É mais que provável que o seu formato fosse simples, desprovido de adornos, passível de ser sugerido por um triângulo e, quando muito, três traços para a base. Mas qualquer medievalista pode confirmar que um “graal” (nome comum) não passa de um prato achatado. Há ainda quem mencione uma esmeralda...

Nessa tarde, o vento soprava com menos fúria, mas havia aguaceiros: curtos, bruscos, frequentes. A esplanada estava quase completamente despovoada. Um homem que vendia a revista CAIS passou sem se deter nem deixar de olhar em frente, ignorando os potenciais clientes cujo número era reduzido mas certamente não nulo.

— Hoje, a Carolina enviou-me uma mensagem, mas foi só para confirmar que tinha recebido a minha mensagem de anteontem.

— Só isso?

— As mulheres são estranhas. Será que elas são todas assim? Só me calham as cabeças-no-ar.

— Ainda és novo. Ainda vais conhecer muitas.

— Dizia só “Recebi a tua mensagem”. Queres ver?

— Não me mostres as tuas mensagens.

— Não há clientes. Os copos estão todos lavados.

— Não é por isso. Não quero ler as tuas mensagens. Já sei o que é que a mensagem diz, não preciso de a ler.

— É que escrito tem logo outra força. Contado por mim não é a mesma coisa.

— Tens de ter paciência. O importante é não forçar.

— Desta vez é que lhe vou ligar.

— Não faças uma coisa dessas.